

MARX E A FILOSOFIA: POR UMA FILOSOFIA DA PRÁXIS

Agercicleiton Coelho Guerra¹

Marcela Figueira Ferreira²

RESUMO

Abordar a Filosofia Moderna nos traz a complexidade de diversas correntes da ciência e suas interpretações do conhecimento. Uma dessas concepções é a Filosofia de Marx e a partir dela iremos abordar o seu conceito e sua proposta de uma Filosofia da práxis. Para embasar esse estudo usaremos autores como Marx, Semeraro, Corrêa, Pires, Kosik e Mészáros que abordaram o conceito de Materialismo Histórico-Dialético e sua relação com a Filosofia da Práxis. A partir do estudo realizado podemos entender que o diferencial da Filosofia da Práxis em Marx constitui-se de sua elaboração que tem como objetivo superar as limitações da elaboração meramente teórica, propondo uma relação estreita, de mútua determinação com a prática e que essa relação estabeleça um papel dialético na busca da emancipação humana.

Palavras-chaves: Filosofia, Práxis, Materialismo Histórico-Dialético.

Introdução

O presente artigo é fruto da disciplina Trabalho e Educação I, onde foram abordados autores como Kosik, Vázquez, Bottomore, Marx, entre outros, a partir de seus fundamentos teóricos e as concepções filosóficas em cada autor.

Para embasar esse artigo usamos textos de Marx, Kosik, Pires, Corrêa, Semeraro e Mészáros, pois, em suas abordagens, podemos nos deter sobre a compreensão da Filosofia em Marx e sobre a categoria da práxis.

O trabalho está dividido em dois tópicos. No primeiro iremos abordar a concepção de Filosofia em Marx, perpassando por Hegel que se torna o ponto de partida da dialética marxista, em seguida abordamos a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético e como essa perspectiva teórica compreende a relação teoria e prática rompendo com a filosofia clássica de cunho puramente teórico.

No segundo tópico iremos abordar a categoria práxis. De forma inicial será compreendido o sujeito que realiza a práxis e sua relação dialética e em seguida a práxis será

¹ Mestrando em Educação na Universidade Federal do Ceará, bolsista CAPES – UFC. Email: ageguerra@gmail.com

² Pedagoga formada pela Universidade Federal do Ceará e Professora da rede municipal de Educação no município de Fortaleza. – Email: marcelaferreira8@gmail.com

abordada a partir de sua relação entre sujeito-objeto e como essa perspectiva busca a modificação da realidade.

1. Marx e a Filosofia

Abordar Filosofia em Marx e logo, sua noção de ciência traz um debate amplo e rico, pois sua concepção de ciência não se limita a interpretar os fatos, mas essa deve estar ligada a transformação da realidade e à sua superação em busca da emancipação humana.

Marx quando ainda jovem faz parte de um grupo intitulado neo-hegelianismo ou hegelianos de esquerda e logo após entender suas limitações, rompe na busca de superar através das críticas, mas incorporando o que havia de melhor no pensamento de Hegel. Marx nunca negou o fato de usar o sistema hegeliano como ponto de partida. Esse fato nos mostra que, apesar de o método marxiano buscar o rompimento com a sociedade burguesa, ele é forjado em seu seio.

Como abordado antes, Marx usa como ponto de partida da sua Filosofia o pressuposto teórico hegeliano e ainda incorpora criticamente aspectos como a dialética, a objetividade do homem. O que diferencia Marx de Hegel é sua perspectiva teórica: Hegel orientava-se do ponto de vista da economia política, Marx parte da perspectiva do trabalho (MÉSZÁROS, 1993).

Marx se contrapõe a Hegel, afirmando que não é tão somente (não é de jeito nenhum) o mundo das ideias que determina a existência do homem, mas a vida em sociedade que se constitui em uma relação dialética, tomando como ponto de partida o mundo material, mediada pela consciência, determinando assim a existência do ser, o ser social.

As primeiras contribuições de Marx no sentido filosófico de superação do que já havia sido produzido, está nas “Teses sobre Feuerbach” e nos Manuscritos Econômicos Filosóficos, onde Marx aponta que “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo” (Marx, 2004, p. 120). A partir dessa citação compreende-se que para Marx a Filosofia não deve limitar-se ao debate teórico, a mesma deve transcender essa compreensão no objetivo de superá-la ao ponto de tornar-se uma ação política provocando uma transformação social.

Marx submete, portanto, o conhecimento científico e filosófico do mundo à finalidade da transformação social radical pelas mãos de uma classe social específica, e dessa forma, para ele, só faz sentido falar em Filosofia, se esta estiver comprometida com a realização das múltiplas faculdades dos homens, ou seja, a efetivação da omnilateralidade humana (CORRÊA, 2007, p. 12).

A partir dessa compreensão, Marx entende a práxis como um caminho para a emancipação humana. Portanto deve haver uma articulação entre teoria e prática. De modo algum Marx afirma que devemos abandonar a Filosofia e enaltecer a prática negando a teoria. A realização da Filosofia na visão marxiana se dará na articulação entre teoria e práxis social.

Partindo desse princípio de não separação entre teoria e prática o materialismo histórico-dialético ou dialética marxista surge na tentativa de não separação entre sujeito e objeto. Como ressalta Pires (1997) a dialética surge bem antes do pensamento marxista. Na Grécia, a dialética significava a arte do diálogo onde a verdade seria atingida a partir do posicionamento dos diferentes, do conflito.

A dialética de Marx entende que o mundo é contraditório e, partindo dessa hipótese, é preciso uma teoria que entenda esse movimento e sirva de instrumento para compreensão da realidade.

À vista disso, Marx passa a constituir o que chamará de “materialismo histórico-dialético”, uma perspectiva que visa sistematizar um “método de pesquisa e exposição” e que considerará, dentro dos limites de cada tempo histórico, o processo histórico-social da humanidade, realizando as devidas mediações para a compreensão do real, a partir da própria realidade do mundo dos homens.

Marx faz o processo inverso da dialética em Hegel, pois considera-o um idealista. Logo, Marx inverte seu processo dialético colocando o materialismo como base da sua dialética, enquanto Hegel concebe o mundo das ideias sua base dialética, por isso Marx rompe e critica à dialética hegeliana, mas sempre a usa como ponto de partida. Não é possível nos textos de Marx encontrar uma exposição sobre seu método, o mesmo aparece na forma como seus textos são sistematizados e analisados (PIRES, 1997).

A contribuição da Filosofia Marxista consiste em compreender que a contradição está presente na realidade, a mesma não deve ser negada, mas observada de modo que possa se

extrair o essencial dela. O conhecimento dentro dessa perspectiva do materialismo histórico-dialético deve partir das questões materiais, passando em seguida às elaborações do pensamento e reflexões teóricas.

Savianni (1986) aponta como se dá essa questão

[...] a lógica dialética não é outra coisa senão o processo de construção do concreto de pensamento (ela é uma lógica concreta) ao passo que a lógica formal é o processo de construção da forma de pensamento (ela é, assim, uma lógica abstrata). Por aí, pode-se compreender o que significa dizer que a lógica dialética supera por inclusão/incorporação a lógica formal (incorporação, isto quer dizer que a lógica formal já não é tal e sim parte integrante da lógica dialética). Com efeito, o acesso ao concreto não se dá sem a mediação do abstrato (mediação da análise como escrevi em outro lugar ou “detour” de que fala Kosik). Assim, aquilo que é chamado lógica formal ganha um significado novo e deixa de ser a lógica para se converter num momento da lógica dialética. A construção do pensamento se daria pois da seguinte forma: parte-se do empírico, passa-se pelo abstrato e chega-se ao concreto. (SAVIANI,1986; p.11)

Como aborda o autor, os fenômenos devem ser compreendidos na busca de superação e assimilação da realidade na sua totalidade, não se limitando somente a um aspecto formal, o conhecimento passa por fases até atingir sua forma concreta.

2. Filosofia da práxis

A partir dos elementos abordados anteriormente, compreendemos que a Filosofia em Marx é permanentemente uma relação teórico-prática, mas não se trata de uma relação de fácil compreensão, pois sem uma teoria que compreenda os fatos corre-se o risco de se cair no pragmatismo.

Para se entender essa relação teórica, primeiro é preciso entender quem é o homem e sua relação com a sociedade. A práxis está ligada ao homem, logo a mesma estabelece uma relação de realidade ontológica. O homem como ser que cria a realidade é o sujeito que produz de forma ativa a práxis na sua materialidade (KOSIK, 2010).

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que o homem faz a história, e em uma relação dialética também se realiza e se humaniza nessa história. A partir dessa compreensão a história passa a ser criada pelo homem e que nela há um princípio de continuidade, pois o

homem dá continuidade à sua história a partir dos resultados obtidos anteriormente (KOSIK, 2010).

Na realização da práxis, a gênese do ser social se dá na medida em que o indivíduo adquire conhecimento, portanto, o ser que produz sua vida material, também produz sua subjetividade, ao se apropriar das múltiplas relações do mundo subjetivo e objetivo. No qual, além de possuírem novos conhecimentos e habilidades, os indivíduos possuem o que objetivaram para a construção de um próximo objeto, mais elaborado, que possua novas qualidades, atendendo melhor as suas necessidades a partir de novas carências que surgirão, o que levará esse indivíduo a novas objetivações.

A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa. (KOSIK, 2010, p. 18).

Sendo o processo de objetivação humano, tudo que se cria humanamente é construído social, pois, no processo de objetivação, o ser social a partir de sua atividade física e mental é transferido para o produto dessa atividade, permitindo a esse objeto, seja ele material ou não, a respeito da linguagem, por exemplo, passar a ter uma função social.

A partir desta perspectiva a práxis tem o caráter eminentemente teórico- político e histórico-social, com o objetivo de desenvolver uma ação dentro de um contexto contraditório, mas que propicia os meios para a construção de uma alternativa ao projeto hegemônico (SEMERARO, 2005).

No decorrer desse percurso a práxis já foi entendida como sociabilidade e a filosofia materialista como doutrina da sociedade do homem. Após outra transformação a práxis passou a ser uma categoria correlata ao conceito de conhecimento fundamental para a epistemologia. Após outra transformação esse conceito passou a desempenhar uma função mais ligada a técnica do agir, como poder de manipular o material humano. Os conceitos atribuídos a práxis foram sendo modificados de acordo com o conceito de homem e do mundo.

Kosik (2010) aponta que a práxis como o grande conceito da filosofia materialista moderna. Para o autor a filosofia tem o dever de revelar o que está obscuro e muitas vezes cai no esquecimento para a consciência comum.

A práxis para Kosik (2010) é um elemento de grande importância para a filosofia materialista, mas a mesma sob intensa pesquisa filosófica foi se resignificando de acordo com cada período da história da filosofia.

Como posto anteriormente o conceito de práxis se modifica constantemente, porém por que a filosofia materialista a concebe como um conceito central? O autor resgata que a práxis aparece como um conceito óbvio no decorrer da história da filosofia, pois os pensadores já teriam concebido o homem como um ser ativo e de que suas ações decorrem consequências e resultados.

Para o autor a filosofia materialista sintetiza concepções anteriormente elaboradas sobre práxis e a concebe como um conceito central. No campo do marxismo a práxis foi eliminada e traduzida como uma teoria dialética e não um conceito filosófico, mas uma categoria dialética da sociedade.

A práxis é o grande conceito da filosofia materialista segundo Kosik (2010), o que soa contraditório para a consciência ingênua, que se sustenta na ilusão da certeza. Tal questão aponta o papel da filosofia em abalar a certeza do mundo comum e da realidade fetichizada. “A consciência comum toma como óbvio aquilo que a filosofia descobriu, tirando-o da ocultação, do esquecimento e da mistificação e tornando-o evidente”. (KOSIK, 2010, p. 218). Nessa obviedade, esse esforço filosófico volta a cair no anonimato e na obscuridade. Esse processo aponta para o autor o percurso do conceito de práxis seguiu, visto que permaneceu na consideração acrítica apenas a ideia de que a “práxis é algo incomensuravelmente importante e que a unidade de teoria e prática tem o valor de postulado supremo” (218) levando, muitas vezes, à modificação histórica do próprio conceito. Para Kosik a práxis não pode ser entendida como uma prática utilitária, permeada pelo senso comum.

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade (KOSIK, 2010, p. 15)

A práxis foi entendida como sociedade, e a filosofia materialista como doutrina da “sociedade do homem”. Em outra transformação, a “práxis” tornou-se mera categoria e começou a desempenhar a função de correlato de conhecimento e de conceito fundamental da epistemologia. Após outra metamorfose, a práxis se identificou com a técnica no sentido mais amplo da palavra, e foi entendida e praticada como manipulação, técnica do agir, arte de dispor homens e coisas, em suma, como poder e arte de manipular o material humano e as coisas. (KOSIK, 2010, p.218). Com essas mudanças, o próprio sentido da filosofia, o conceito de homem e do mundo modificou-se. Desse modo, nesse percurso da obra, uma rica análise de Kosik sobre cientificismo e o maquiavelismo. Aponta os equívocos, nos quais o homem é visto como moldável, objeto de uma manipulação calculada e baseada na ciência, ou seja, o homem sob o sórdido aspecto do espectador. Em oposição a essas vertentes, a problemática da práxis na filosofia materialista envolve as questões filosóficas “quem é o homem, o que é a sociedade humano-social, e como é criada esta sociedade?” (KOSIK, 2010, p.221). Sustenta o autor o conceito da realidade humano-social como o oposto do ser dado, ou seja, como formadora e ao mesmo tempo forma específica do ser humano. Assim, o caráter da criação humana é assumido como realidade ontológica. A práxis, na sua essência, é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo. A existência não é somente “enriquecida” pela obra humana; na obra e na criação do homem, é que se manifesta a realidade e, de certa forma, se realiza o acesso a ela. Portanto, a práxis na sua essência é a determinação da existência humana como elaboração da realidade. Ser que cria a realidade humano-social e compreende a realidade em sua totalidade (humana e não- humana). A práxis é ativa, mas é atividade que se produz historicamente, é unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. O homem não está encerrado na sua animalidade ou na sua socialidade porque compreensão do ser sobre o fundamento da práxis e é por isso um ser que tem domínio sobre os elementos da natureza e de outras esferas que estão presentes na relação do homem com o homem (KOSIK, 2010, p.226). O homem faz a história e, ao mesmo tempo, se realiza e se humaniza na história. É não é apenas um ser antropológico; ele está aberto a diferentes concepções de história que Kosik sustenta duas premissas fundamentais, a primeira, como destacamos, é que a história é criada pelo homem e, a segunda, é a continuidade, no sentido de que o homem não começa sempre de novo e do princípio, mas é marcada pelo trabalho e pelos resultados obtidos pelas gerações precedentes.

Concluindo seus escritos, Kosik aponta que é preciso que essa pseudoconcreticidade seja separada do que de fato se mostra como ciência e o que é a práxis utilitária como senso comum.

A destruição da pseudoconcreticidade como método dialético-crítico, graças à qual o pensamento dissolve as criações fetichizadas do mundo reificado e ideal, como *método revolucionário de transformação da realidade*. Para que o mundo possa ser explicado “criticamente”, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da “práxis” revolucionária. (KOSIK, 2010, p.22, destaque do autor)

Para Netto (2006) existe uma categoria que é mais abrangente que o universo do trabalho e que seria a práxis, essa categoria inclui o trabalho, mas também abrange outras objetivações humanas. Por ser mais abrangente essa categoria pode ser dividida em dois aspectos:

1. A práxis voltada para a relação natureza expressa-se além do trabalho. Ela também está presente na relação sujeito-sujeito. Quando o homem atua sobre si mesmo. Como na relação de educação e política.
2. Os resultados da práxis podem ser expressos de duas maneiras, primeiro materialmente como no trabalho e a segunda forma é idealmente como nos valores éticos que o homem atua sem transformar uma estrutura material.

O resultado dessas duas formas de práxis são expressas na relação alienada do homem. O homem não se reconhece nessa relação com a práxis, devida a presença dos aspectos da divisão social do trabalho, propriedade privada e meios de produção. Pois embora o homem possua suas necessidades ele é explorado pelo próprio homem, daí a contradição. Afirmando-se que o desenvolvimento social do homem segue um caminho inverso da igualdade e humanização.

Martelli *apud* Semeraro (2005) compreende que a Filosofia da práxis abrange três aspectos inseparáveis: técnico-produtiva, científico-experimental e histórico-política. A práxis é técnico-produtiva, pois o trabalho dentro da sua compreensão é um elemento histórico na formação do sujeito, como também age na mediação do sujeito com a natureza e os outros homens. A práxis é científico-experimental, pois a reflexão e a pesquisa teriam que se articular com a construção do conhecimento e humanização do mundo, pois o pesquisador continuamente teria que relacionar sua teoria com a prática até a formação de uma unidade.

Por fim histórico-política, pois a práxis atua na relação homem sociedade buscando a libertação na perspectiva da construção de uma nova civilização, aonde exista um novo modo de pensar e agir.

A Filosofia da práxis em Gramsci apresenta um teor eminentemente político, onde os subalternos devem se apropriar dessa filosofia para a superação dos seus problemas sociais. Tal superação se dá na formulação de novas perspectivas políticas, econômicas e sociais. Partindo com o objetivo da criação de uma nova sociedade fruto de um trabalho coletivo.

A ligação inseparável entre “filosofia, política e economia” (Q 4, 472) faz com que a filosofia não se dissolva na abstração ou no intimismo, a política não se torne um cego agir imediatista e pontual, a economia não seja vista como um poder separado, uma fatalidade incontrolável que incumbe sobre os destinos do mundo. Tanto a filosofia quanto a política e a economia, entrelaçadas, para Gramsci formam indivíduos conscientes de sua subjetividade social, fincados no terreno concreto da história e das suas contradições (Q 4, 471) de vida com as quais precisa aprender a interagir para compreender seus mecanismos de poder e se organizar para operar transformações: “O filósofo, de fato, é e não pode não ser o político, quer dizer, o homem ativo que modifica o ambiente, entendido este como o conjunto das relações das quais cada um participa” (GRAMSCI *apud* SEMERARO, 2005, p.100-101).

Nessa compreensão de práxis Gramsci diferencia seu pensamento, pois no seu conceito ela está interligada com a subjetividade dos grupos subalternos. Esse processo se dará numa perspectiva social e histórica a partir de quando esses sujeitos se deparam com a realidade hegemônica superando sua condição de inércia, submissão com a perspectiva de começar a agir politicamente para superar o estado em que se encontra na busca de sua emancipação.

Sousa Junior (2009) aponta que os escritos marxiano no âmbito da educação possuem três elementos importantes quando se trata do programa marxiano em educação, essa perspectiva educacional é dirigida a classe trabalhadora, principalmente a que está presente no espaço fabril, pois a estratégia desse programa consiste na contradição do trabalho. O primeiro elemento encontra-se presente na própria relação do trabalho, mesmo quando esse trabalho está na forma alienada e abstrato, pois o processo que torna a classe trabalhadora sujeitos com um potencial revolucionário, possui um caráter educativo que a força de trabalho ocupa uma categoria central. O segundo momento se estabelece na formação escolar, se esse processo estiver aliado a um processo educativo, que tem como objetivo a união

trabalho e ensino a escola passa a desempenhar um importante papel na formação do sujeito. O terceiro na práxis político-educativa que pode acontecer em diversos momentos, como na família, no tempo de lazer e local de moradia, nesse elemento a práxis apresenta um forte teor político-educativo quando o sujeito se organiza em grupos de trabalhadores na busca de melhorias da condição de vida.

Os três elementos apontados constituem relações de educação para a classe trabalhadora, que é a classe com um potencial revolucionário, mas para que esse potencial seja alcançado é preciso que essa classe reconheça seu papel dentro da sociedade. A classe trabalhadora precisa de uma transformação, que ela deixe de ser classe em si e passe a ser classe para si, essa transformação acontece por meio da práxis, por isso sua importância na educação e expressa nesse momento de formação (SOUSA JUNIOR, 2009).

Considerações finais

Ao tratar de uma abordagem filosófica em qualquer esfera, na maior parte das vezes nos remetemos a uma abordagem unicamente teórica sem um fim prático. Essa perspectiva dentro da teoria de Marx é quebrada, logo a partir de suas primeiras contribuições, mas de uma forma que não se entenda como um puro pragmatismo sem um fundamento e sem intencionalidade, Marx como muitos intelectuais de sua época estava condicionado as relações sociais e históricas do seu período, logo sua teoria está na perspectiva de uma abordagem a ser executada pelos trabalhadores na busca de uma nova forma de sociedade.

Para que se compreenda o Materialismo Histórico-Dialético em Marx é preciso que seja abordada a dialética em Hegel, pois Marx utiliza como seu ponto de partida, a partir disso a relação teoria e prática passa a ser associados, pois Marx compreende e elabora sua perspectiva não mais no campo das ideias, mas partindo do materialismo em uma relação dialética com a teoria.

Dessa forma a práxis começa a ser melhor compreendida, pois ela objetiva uma relação dialética entre teoria e prática, mas não se limitando a esses aspectos, pois a partir disso sua dimensão entra na esfera política, com o objetivo de formar sujeitos mais conscientes da sua realidade e com a compreensão de que é preciso a emancipação humana,

porém entende-se os limites da sociedade atual, por isso é preciso que ela seja superada na sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, João Guilherme de Souza. Relação Marxismo e ciência: Luta de classes, superação da filosofia e emancipação humana. Em Debate, Florianópolis, n. 3, p. 120-134, jan. 2007. ISSN 1980-3532. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/21327/19511>>. Acesso em: 05 fev. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/21327>.
- KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- MÉSZÁROS, István. Filosofia, Ideologia e Ciência Social. São Paulo: Ensaio, 1993.
- NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Economia política: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.
- PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a Educação. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.
- SAVIANI, D. Introdução. In: _____ Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1986.
- SEMERARO, G. A filosofia da práxis e o (neo)pragmatismo de R. Rorty. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 29, p. 95-104, 2005.
- SOUSA JUNIOR, Justino de. O programa marxiano de educação e o fundamento da práxis. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.51-66, 2009.